
UMA RELEITURA FEMINISTA DE WALTER MIGNOLO: POR UMA DESOBEDIÊNCIA TEÓRICA-PRÁTICA

A FEMINIST READING OF WALTER MIGNOLO: FOR A THEORETICAL-
PRACTICAL DISOBEDIENCE

UNA RELECTURA FEMINISTA DE WALTER MIGNOLO: POR UNA
DESOBEDIENCIA TEÓRICO-PRÁCTICA

Alina Pacheco Govêa¹

Ana Luiza Almeida Passos²

Resumo

Este ensaio tem como tema o debate proposto por Walter Mignolo de uma desobediência epistêmica que vise uma decolonização. Para a discussão, buscamos pensar em uma desobediência teórico-prática a partir de outros corpos produtores de conhecimento. Utilizamos como material referencial teórico e metodológico o pensamento feminista de mulheres negras, originárias, latino-americanas, asiáticas, entre outras sujeitas em que o processo colonial atravessa seus corpos. Apontamos a necessidade de levar em consideração, no processo de produção de conhecimento, a vida prática dos sujeitos, dado que não é possível desassociá-la nem mesmo da ou do intelectual que somos. Assim, conseguimos demonstrar por meio das intelectuais a emergência de levar em consideração as experiências e a vida prática para a produção de conhecimento.

Palavras-chave: Feminismo; Estudos étnico-raciais; Decolonialidade; Experiências; Sabedoria.

Abstract

This essay has as theme the debate proposed by Walter Mignolo of an epistemic disobedience aimed at decolonization. For the discussion, we seek to think about a theoretical-practical disobedience from other knowledge-producing bodies. As theoretical and methodological referential material, we used the feminist thought of black, native, Latin American and Asian women, among other women whose bodies are traversed by the colonial process. We point out the need to consider, in the process of knowledge production, the lives of individuals, as it is not possible to disassociate it from the intellectual that we are. Thus, we were able to demonstrate, through intellectual women, the emergence of consider experiences and practical life for knowledge production.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com bacharel em Ciência Política e Sociologia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: goveaalina@gmail.com

² Graduada em Ciência Política e Sociologia pela Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). Email: analupassos97@gmail.com

Keywords: Feminism; Ethnic-racial studies; Decoloniality; Experiences; Wisdom.

Resumen

Este ensayo tiene como temática la discusión propuesta por Walter Dignolo, una desobediencia epistémica acerca de una decolonización. Para tanto, tratamos de pensar una desobediencia teórico-práctica a partir de otros cuerpos productores de conocimiento. Usamos como material referencial teórico-metodológico, el pensamiento feminista de mujeres negras, originarias, latino americanas, asiáticas y otras sujetas donde el proceso colonial atraviesa sus *cuerpas*. Señalamos la necesidad de considerar, en el proceso de producción del conocimiento, la vida práctica de los sujetos, una vez que no es posible desasociarla incluso de la o del intelectual que somos. De esta manera, pudimos demostrar mediante las intelectuales, la emergencia de considerarnos las experiencias y la vida práctica para la producción de conocimiento.

Palabras clave: Feminismo; Estudios Etnico-raciales; Decolonialidad; Experiencias; Sabiduría

INTRODUÇÃO

A disciplinarização e a razão instrumental das diversas análises das ciências sociais, com pretensão à "verdade" e "totalidade" dos fenômenos são insuficientes para pensar alternativas à modernidade e suas formas de produção do conhecimento. Assim, este ensaio tem como objetivo um embate feminista e antirracista dos aportes teóricos e metodológicos do autor argentino, Walter Dignolo.

O autor aponta que a retórica da modernidade e sua lógica fundamental de colonialidade articula-se com as teorizações sobre a produção científica, política e econômica. Este conhecimento reatualiza um modo de vida geográfico e historicamente situado; economicamente produzido, e politicamente estratégico. Dessa maneira, se o conhecimento é um instrumento imperial de colonização, sendo uma tarefa de urgência descolonizar o saber, propomos, então, uma desobediência teórico-prática.

Deste modo, buscamos com essa perspectiva a releitura feminista e não-branca das obras de Walter Dignolo. Desde um entrelaçamento entre gênero, raça e classe, de mulheres intelectuais que produzem desde suas *corpas*³ e seu local socialmente situado. Enquanto mulheres, e mulheres colonizadas. Com isso, faremos

³ Optamos pelo termo *corpas*, pois "corpa", colocado no feminino, é utilizado quando nos referimos a corpas de mulheres. Quando nos referimos a corpos de homens, então utilizamos o termo "corpo" (Shay RODRIGUÉZ; Violet B. ANZINI, p.42, 2020). Dessa maneira, seguimos utilizando o termo *corpas* para nos referirmos aos povos colonizados, uma vez que, dependem de signos e que constituem performance corporais.

um sobrevoo sobre os argumentos teóricos de Silvia Rivera Cusicanqui (2010) em debate com Walter Mignolo (2010; 2016). Para enriquecer a discussão, também, traremos epistemologias e pensamentos de autoras como Grada Kilomba (2020[2019]), Patricia Hill Collins (2019), Heleieth Saffioti (1987), Lélia González (1984), bell hooks (2013), Sueli Carneiro (2005; 2015), e outras autoras que abordam teoricamente a partir de suas experiências e sabedorias.

Dessa maneira, acreditamos na necessidade de racializar - pois consideramos que o lugar de pertencimento de cada indivíduo se dá a partir da sua racialização. Por isso, a produção de conhecimento irá de alguma maneira estar permeada por privilégios, ou a falta deles. Assim, o próprio branco é um sujeito racializado, diferente do que querem que acreditemos - e feminilizar o tema proposto, posto que não acreditamos na neutralização dos debates e, sobretudo, numa ciência imparcial que desconsidera a realidade concreta e a história coletiva como fundamentais à todas as análises.

Por este motivo, nos apoiaremos nas autoras descritas acima como principal aporte teórico. Portanto, propomos uma alternativa ao modo de produzir conhecimento levando em consideração o modelo de dominação patriarcal-racista-capitalista; a colonização e a colonialidade. Mas sobretudo, alternativas ao próprio modelo de decolonização proposto por Walter Mignolo (2010;2016). Neste ensaio, buscamos mobilizar categorias analíticas de teóricas que levam em consideração as experiências vividas, as quais nos dizem muito mais do que teorias construídas a partir de ideias e da objetificação de sujeitos e das sociedades analisadas. Pois estes possuem seus próprios saberes, línguas e culturas, que foram rejeitados como Outridade do branco colonizador.

A IMPRATICABILIDADE DA PROPOSTA DE WALTER MIGNOLO: FEMINILIZANDO E RACIALIZANDO A TEORIA

Pensar em uma modernidade como *El lado más oscuro del renacimiento* (MIGNOLO, 2016), que usa como esteio a colonialidade do saber e do ser, desde a Europa como modelo global e universal. Portanto, sendo o papel político e intelectual de cientistas sociais praticar a Desobediência Epistêmica (MIGNOLO, 2010) desde as linguagens e práticas locais do “não-ser” europeu, do ser outro, colonizado, que busca romper com a matriz colonial de poder, rumo à decolonização do ser e do saber.

Nos parece necessário refutar Mignolo ao usar a terminologia *oscuro*, uma vez que não a contextualiza e a usa pejorativamente. Sem nenhum incômodo, sem se dar conta do quão colonizador isso é. Mignolo atravessa o que ele mesmo propôs em *Desobediência Epistêmica* (2010). Em que propõe a decolonização integral do ser outro. Pois, de acordo com ele mesmo em *El lado más oscuro del renacimiento* (2016), a linguagem trata de implementar a colonização das línguas outras, dado que não se trata apenas de conquistar, mas de civilizar (MIGNOLO, 2016, p.76-77).

Walter Mignolo retoma o conceito de colonialidade de Aníbal Quijano (2005), como parte essencial do projeto da modernidade, que se constitui através do capitalismo. Este tem no patriarcado e no racismo suas bases sólidas para a exploração, tanto das pessoas como da natureza. Refletindo sobre as dinâmicas de exploração do capitalismo, Vandana Shiva e Maria Mies apontam que o mercado mundial é “[...]orientado hacia el crecimiento sin fin de obtención infinita de beneficios; no podría mantenerse sin la explotación de unas colonias externas e internas: la naturaleza, las mujeres y los otros pueblos” (p.131, 2014).

Em consonância à ideia de Heleieth Saffioti (1987), a qual afirma que o patriarcado, ao subordinar mulheres e homens, mantém a supremacia masculina na sociedade capitalista. Esta dominação não é apenas econômica, mas também é política. Obedecendo a um sistema submetido ao campo político-ideológico, bem como ao campo econômico em relação à exploração. Enfatizamos Saffioti (1987), uma vez que o campo político-ideológico de dominação faz com que a figura masculina se coloque enquanto o interlocutor a falar, a produzir intelectual e politicamente, na esfera pública.

Quando pensamos em lugares de pertencimento, diferentes aos do homem universal, se tem o questionamento se é possível ser *sujeito*⁴. Grada Kilomba (2020[2019]), resgatando a indiana Gayatri Spivak (2010), coloca a questão: “Pode a subalterna falar?”, e chega à seguinte conclusão:

Ao argumentar que a subalterna não pode falar, ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teórica, em vez disso refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo (KILOMBA, 2020 [2019], p.47)

⁴ “Escrever este livro foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou *objeto*, mas o *sujeito*. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge com um ato político” (KILOMBA, 2020[2019], p.27-28)

Portanto, a partir do que traz Heleieth Saffioti em *O poder do macho* (1987), toda a legitimidade que a figura masculina tem em nossa sociedade capitalista vai perpassar a todas nós. Porque uma das bases que compõem o capitalismo é o patriarcado conjuntamente com o racismo, sendo esses mecanismos de extrema subjugação, que ganham grande força a partir do século XVI com a colonização e o aumento excessivo do acúmulo de riquezas nas mãos de poucos - sobretudo de brancos e homens. Sendo assim, qualquer perspectiva que pretende um mundo menos desigual deve ter como princípio o fim do patriarcado-racismo-capitalismo.

Dessa maneira, não abordar questões étnico-raciais, na América Latina, significa não falar de uma questão central, a qual nos levou a sermos colonizadas e colonizados, subalternizadas e subalternizados, e escravizadas e escravizados, como destaca Lélia González (1984). A neurose colonial brasileira encontrou na democracia racial o apaziguamento das lutas coloniais contra o racismo, esfumando, assim, a ideia de que o Brasil apresenta “[...] *iguais oportunidades para todos e ausência de conflitos*” (Joel RUFINO, 1999, p. 120, grifo das autoras). Como destaca Lélia González, a democracia racial - como todo mito -, tenta abafar certas estruturas constituintes da sociedade brasileira, no caso o racismo e o sexismo.

Lélia Gonzalez propõe a compreensão de uma dialética entre memória e consciência, pela qual a consciência encobre o desconhecimento, lugar de alienação, de esquecimento e até do saber, que se expressa no discurso dominante, ocultando a memória mediante a imposição do que ela afirma como verdade. “A consciência exclui o que a memória inclui” (GONZALEZ, 1984, p. 226). Portanto, não reavivar nossas memórias de lutas e tentativas de emancipação é estar adormecido, de alguma maneira, em relação ao que ocorreu aqui, e ainda ocorre em decorrência da colonização. É estar de acordo com o estupro colonial, como aportou Sueli Carneiro (2015), dando margem a latente violência às *corpas* das mulheres racializadas como não-brancas.

Em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2020[2019]), Grada Kilomba traz a metáfora de memórias da plantação, como símbolo de um passado traumático, de um trauma colonial que foi memorizado. No sentido de que não foi esquecido. Não podendo-se esquecer da história coletiva que subjugou, humilhou e trouxe dor a diversos corpos e, portanto, são chamados pela autora de

episódios de racismo cotidiano ainda reanimados no presente. Nas palavras da autora:

A ideia de “esquecer” o passado torna-se, de fato, intangível; pois cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional. Essa configuração entre passado e presente é capaz de retratar a irracionalidade do racismo cotidiano como traumático. (KILOMBA, 2020[2019], p. 213).

Grada Kilomba também resgata Patricia H. Collins em seu livro *Pensamento Feminista Negro* (2019), inferindo na importância de uma epistemologia feminista negra como um conhecimento independente; mas, ao mesmo tempo, subjugado. Quando há assimetrias de grupos, há também assimetria no acesso em que os grupos têm a recursos necessários para que consigam implementar suas vozes, como sujeitas, ao invés de serem os “objetos de estudos”. Dessa forma, Grada Kilomba acrescenta que “[...] não é somente uma imensa, mas também urgente tarefa descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento” (KILOMBA, 2020, p.53).

Walter Dignolo (2010), da maneira como se coloca e da forma como conduz o debate de raça e gênero, demonstra seu privilégio desde seu lugar de homem branco intelectual, mesmo que latino americano⁵. Este se situa no centro - ainda que, talvez, inconscientemente -, uma vez que, toda sua socialização nesse sistema capitalista, não irá inferiorizá-lo. Ainda que os conceitos desenvolvidos pelo autor sejam de extrema relevância e contribuem à análise crítica da produção do conhecimento, quando ele não referencia e tampouco evidencia teóricas que se debruçam nas questões de gênero e raça, ele se coloca no lugar de enunciação à legitimidade. Reforçando e mantendo o lugar privilegiado do acadêmico e intelectual, e da produção científica de “quem pode fazer ciência”.

Ao lembrarmos Patricia H. Collins (2019) e bell hooks (2013) percebemos o quão o conhecimento branco-masculino hegemônico é validado em contraposição aos

⁵ Frantz Fanon refletindo sobre a inserção do colonizado na linguagem do colonizador, aponta que: “todo povo colonizado [...] toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará de sua selva” (p.34, 2008). Queremos reforçar que Walter Dignolo fez grandes contribuições teóricas para as ciências sociais, em especial, os debates sobre colonialidade-decolonialidade, porém, é um autor latino-americano que produz desde o Estados Unidos, e como Fanon nos faz refletir, ele é condicionado a reproduzir as dinâmicas coloniais, pois, por mais que seja latino-americano e, em países centrais, ele possa sofrer xenofobia, na América Latina, ele possui privilégio branco, que por sinal, também faz parte de uma classe intelectual.

saberes e experiências populares, vivenciados nas colônias enquanto grupos subjugados. Aludindo ao que Silvia R. Cusicanqui (2010) afirma como “pequenos impérios dentro do império”, em relação ao “colonialismo interno”, conceitualizado por Pablo González Casanova. O papel que as instituições internas têm, obedecem e reproduzem o sistema capitalista.

Silvia R. Cusicanqui (2010) ressalta o papel dos intelectuais para a dominação da colonialidade, uma vez que temos responsabilidade coletiva de não contribuir à manutenção desta dominação. Em suas palavras:

La estructura ramificada del colonialismo interno-externo tiene centros y subcentros, nodos y subnodos, que conectan a ciertas universidades, corrientes disciplinarias y modas académicas del norte, con sus equivalentes en el sur (CUSICANQUI, p. 63, 2010).

Destacamos a necessidade da utilização de autoras que produzem desde uma perspectiva crítica sobre a decolonialidade. Uma vez que para a expropriação do território latino-americano, africano ou asiático, a colonização dos saberes foi fundamental, o que Sueli Carneiro (2005) conceitualizada de epistemicídio, o qual atua conjuntamente com o genocídio das *corpas* portadoras destes saberes. Esse fenômeno pode ser tratado tal como:

[...] não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc (CARNEIRO, 2005, p. 96).

Devido à relação assimétrica de exploração e dominação entre mulher e homem, a colonização sobre as *corpas* de mulheres não-brancas foi (e ainda é) violenta. Porque a desumanização da raça e da cor de pele foi o principal mecanismo de inferiorização por parte dos colonizadores.

A partir disso, Walter Mignolo trata de modo simplista e resumido duas estruturas de dominação - tão antigas quanto a modernidade - complexas e violentas, como o patriarcado e o racismo. Fica evidente seu privilégio de capital social e cultural, a partir de uma análise que ele faz em *Desobediência Epistêmica* (2010) em que afirma:

Lo que está en juego, en última instancia, son las correspondencias entre raza, género y clase en el trabajo, ante la ley y en la sociedad civil. Aún qué “clase” remite principalmente a las relaciones económicas entre los grupos sociales y está, por lo tanto estrictamente relacionada con el control del trabajo en las esferas de la matriz colonial de poder, *la “raza” remite principalmente a las relaciones subjetiva entre los grupos sociales y se relacionan con el control de los conocimientos y la subjetividad.* “Género” por otra parte está sobre-determinado por “raza” en la medida en que, en la matriz colonial de poder, una mujer blanca ocupa un lugar jerárquico, en toda la escala que la mujer de color. De este modo, los proyectos de liberación y descolonización en el planeta hoy tienen por enemigo la matriz colonial del poder más que el capitalismo. La versión actual del capitalismo, la globalización neo-liberal, no es otra cosa que un manejo potente de la matriz colonial de poder (MIGNOLO, p.102, 2010, [grifo nosso]).

A simplificação, por parte do autor, do papel que o racismo e o patriarcado tiveram no processo da estrutura colonial, reduzidos a uma construção de “relações subjetivas entre grupos”, acaba deixando a desejar uma análise melhor do papel econômico. Isto é, do papel que *corpas* pretas, indígenas, asiáticas e femininas⁶ tiveram no processo de acumulação capitalista e, também, na construção da subjetividade masculina europeia como ser universal e interlocutor de todo discurso científico validado e da própria história.

Desse modo, preferimos utilizar “economia política do conhecimento”, termo mobilizado por Silvia R. Cusicanqui (2010) em contraposição ao termo de Walter Mignolo (2010; 2016) de “geopolítica do conhecimento”

No sólo porque “geopolítica del conocimiento” de signo anti-colonial es una noción que no se lleva a la práctica, y que más bien se contradice a través de gestos de recolonización de los imaginarios y las mentes de la intelectualidad del sur. También porque es necesario salir de la esfera de la superestructuras y desmenuzar las estrategias económicas y los mecanismos materiales que operan detrás de los discursos (Silvia R. CUSICANQUI, p. 66, 2010).

A lacuna de Mignolo (2010; 2016) de pensar a modernidade e a colonialidade na formação do ser ontológico e formador da subjetividade apenas neutraliza o debate, bem como sua proposta de decolonização. Porque pensar a colonização apenas na área do saber ou do conhecimento não possibilita uma crítica a fundo de toda a materialidade concreta, que perpassa o racismo e o patriarcado na acumulação capitalista. Como matrizes de poder constituintes da retórica da modernidade e lógica da colonialidade.

⁶ Reconhecemos o extenso debate sobre as conceituações em torno das categorias feminilizados e femininos, por isso, não nos ocuparemos deste tema.

Portanto, se a decolonização tem como objetivo a quebra de matrizes coloniais de poder, devemos pensar no capitalismo como central na luta anticolonial. Visto que, economicamente, as *corpas* e o lugar o qual elas ocupam na sociedade (material e simbólico) como mulheres, negros e indígenas são a concretude de toda exploração desse sistema de poder. Assim, para um projeto realmente decolonizador é necessário despatriarcalizar e racializar o conhecimento e a realidade material, as quais são imprescindíveis para uma luta antirracista-patriarcal-capitalista. Despatriarcalizar, portanto, nas palavras da boliviana Maria Galindo (2013) é um aspecto central nesta luta, pois

La despatriarcalización es la invitación histórica para que la loca abandone su soledad desquiciante y entienda que sólo, en la confluencia con otra, es posible, primero, alimentar la vitalidad de su insatisfacción y luego revertir esa insatisfacción en placer [...] Por eso la despatriarcalización no es una definición unívoca de un modelo social, es la confluencia que nos permite desacralizar y desmitificar lugares sagrados como la cultura, la familia y la patria. (GALINDO, 2013, p.176).

A relação entre a ciência e a cultura é fundamental, como apontou Silvio de Almeida (2019), para dessacralizar e desmistificar a cultura (ocidental) destes lugares sacros da cultura, pátria e família. Pois a ciência (branca e masculina) tem o poder de produzir um discurso de autoridade sobre o que é a verdade. O racismo e o patriarcado, deste modo, não são simplesmente irracionalidades, como um problema de ignorância, mas sim, tem sua racionalidade embutida na própria ideologia. Portanto, “é desse modo, que o racismo passa da destruição das culturas e dos corpos com ela identificados para a domesticação de culturas e de corpos” (ALMEIDA, 2019, p. 72-73).

Consideramos que as relações sociais entre patriarcado, racismo e classe, são processos históricos e políticos, que variam do mais íntimo ao mais coletivo, estruturando a socialização de cada sujeita e sujeito em decorrência do seu lugar de pertencimento (ALMEIDA, 2019). Ressaltamos a necessidade de se pensar nas condições materiais necessárias para se constituir enquanto um intelectual, ou do fato de poder se dedicar unicamente à esfera do pensamento. Walter Mignolo (2010; 2016) parece esquecer um quesito base, muito importante, para a reprodução de todo o modo de produção capitalista, sendo este o trabalho doméstico e de cuidados.

O trabalho doméstico é essencial à reprodução da força de trabalho e da própria vida cotidiana, como analisa Silvia Federici (2010; 2013) e Tithi Bhattacharya

(2013), sendo ele o responsável por cuidar dos sujeitos que têm a possibilidade de dedicação exclusiva à produção de conhecimento. Visto que o trabalho reprodutivo - desvalorizado socialmente - é realizado pelas mulheres no seio do lar, enquanto o trabalho dos homens, no âmbito público, é reconhecido e denominado como produtivo.

A importância do processo de apropriação das *corpas* das mulheres para a acumulação do capital, como retratado em *Calibán y la bruja: mujeres, cuerpo y acumulación originária* (FEDERICI, 2010), teve grande fomento institucional, estatal e científico para a apropriação econômica das *corpas* (das mulheres europeias femininas), conjuntamente ao processo da colonização das Américas. O discurso de “bruxas”, “selvagens” e “rebeldes” fomentou a prática da qual também se utilizou para se apropriar das *corpas* aqui existentes, e das diversas *corpas* africanos escravizados.

Por isso, consideramos quando Frantz Fanon (2008) afirma que os problemas que atravessam o sujeito colonizado não são somente socioeconômicos, como também são aspectos culturais e simbólicos. Ou seja, na produção do conhecimento e do que se diz ciência. Dessa forma, pensar somente em decolonização epistêmica, como propõe Walter D Mignolo (2010; 2016), não basta para o sujeito colonizado. É preciso mostrar a necessidade de uma prática decolonizadora, a qual as bases materiais para a sobrevivência são essenciais. Além disso, vale acrescentar, a importância do financiamento econômico a alguns campos do conhecimento que tem como objetivo o desenvolvimento de outras pesquisas que lhes é de interesse. Como muito bem evidenciou Silvia R. Cusicanqui (2010) sobre Walter D Mignolo e outros teóricos das modernidades/colonialidade de que:

Pero además, creas un nuevo canon académico, utilizando un mundo de referencias y contrarreferencias que establece jerarquías y adopta nuevos gurús: Mignolo, Dussel, Walsh, Sanjinés. Dotados de capital cultural y simbólico gracias al reconocimiento y la certificación desde los centros académicos de los Estado Unidos, esta nueva estructura de poder académico se realiza en la práctica a través de una red de profesores [...] El discurso postcolonial en América del Norte no sólo es una economía de ideas, también es una economía de salarios, comodidades y privilegios, así como una certificadora de valores, a través de la concesión de títulos, becas, maestrías, invitaciones a la docencias y oportunidades de publicación. Por razones obvias, y a medida que agudiza la crisis de las universidades públicas en América Latina, el tipo de estructura que hemos descrito se presta muy bien al ejercicio de clientelismo como modo de dominación colonial (CUSICANQUI, 2010, p. 65-5).

Com base nesta perspectiva, a decolonização proposta por Walter Mignolo (2016), ao que parece, não o inclui como um sujeito na ação social necessária para a efetiva decolonização. Uma vez que ele teoriza sobre a decolonização, mas suas ações, ao menos, deveriam ser condizentes com sua retórica. Pois o autor apresenta seu debate em um campo muito teórico-intelectualista, limitado ao campo das ideias. Desse modo, compreendemos que para uma prática libertadora, e um modo de pensar liberador, não basta a decolonização do saber - são necessários desprendimentos materiais para o mesmo. Tal como bell hooks irá dizer:

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas - um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para este fim (HOOKS, 2013, p. 85-86).

Por isso, destacamos a urgência de uma desobediência não apenas epistemológica, do campo da produção do conhecimento, e de toda a intelectualidade; mas, sobretudo, uma desobediência cultural, rumo à despatriarcalização e racialização das teorias. A qual se proponha não somente a mudança do modo de se produzir, mas, também e principalmente, na maneira como as sujeitas agem enquanto seres sociais. Por conseguinte, concordamos que:

[...] la despatriarcalización nos permite entender la desobediencia cultural como una estrategia, nos permite entender el cuestionamiento de la familia como una liberadora, nos permite desplegar la desobediencia cultural en todas las direcciones y entender la huida como una estrategia liberadora (Maria GALINDO, p.163).

A cultura não só remete à materialidade dos valores morais, mas também as estruturais como a língua e a ordem social, na qual as sujeitas são inseridas. Walter Mignolo, ao ignorar a desobediência cultural, acaba por reforçar os mesmos privilégios que ele, apesar de criticar, não consegue romper. O autor corresponde aos modelos da academia, atendo-se ao mundo das ideias, sem nenhuma prática condizente com aquilo que propõe teoricamente. Dando a ele toda a legitimidade, enquanto homem branco da elite intelectual, que escreve desde o Norte Global - possibilitado por seu capital simbólico, cultural e material.

Nossa proposta de desobediência cultural retoma bell hooks, que propõe o reconhecimento da língua enquanto uma experiência de resgate. Pois no dualismo do pensamento metafísico ocidental, as ideias são mais importantes que a linguagem.

Para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua. Procuramos criar um espaço para a intimidade. Incapazes de encontrar esse espaço no inglês padrão, criamos uma fala vernácula fragmentária, despedaçada, sem regras. Quando preciso dizer palavras que não se limitam a simplesmente espalhar a realidade dominante ou se referir a ela, falo o vernáculo negro. Aí, nesse lugar, obrigamos o inglês a fazer o que queremos que ele faça. Tomamos a linguagem do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos por meio da língua. (bell, HOOKS, 2013, p. 233).

Por isso, a necessidade de pensar nos mecanismos de subordinação, exploração e subalternização, tanto epistêmicos quanto culturais e, sobretudo, materiais. Pensando o processo do colonialismo em suas diversas formas, e suas feridas não tratadas e latentes. A desobediência epistêmica visada à uma decolonização do ser e do saber, proposta por Walter Dignolo, é insuficiente sem levar em consideração essas feridas não tratadas direcionadas aos corpos não-brancos-masculinos. A decolonização, portanto, como esse ato de se desfazer do colonialismo (KILOMBA, 2020[2019]), descreve a conquista da autonomia por parte daquelas que foram colonizadas, enquanto o branco reencena este passado, o presente segue sendo proibido às sujeitas negras, indígenas e “Outras”.

A urgência de um pensamento feminista não-ocidental - seja ele negro, latino-americano, originário, africano, asiático, e tantos outros feminismos - aponta para uma desobediência do sistema colonial, de dominação, exploração e subalternização. Rumo à uma tentativa de emancipação das sujeitas colonizadas, mas também, dos sujeitos colonizados como um todo. Atendo-se não somente a forma com que se produz conhecimento, mas, sobretudo, de que maneira esse conhecimento produzido atua como mantenedor de uma ideologia.

Fornecendo, deste modo, os meios para manter a dominação e a colonialidade cultural, epistêmica e econômica. Por isso, é importante pensarmos em uma desobediência que não busque um sujeito universal, mas sim, que faça um convite para entendermos as experiências vividas de universos particulares e os saberes que ali são construídos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em desobediência epistêmica, afastando-se da prática, não é suficiente para a decolonização. Para tanto, faz-se necessário sermos agentes na decolonização cultural de todas as estruturas concretas e teóricas que permeiam a vida humana. De forma comunitária e coletiva, esta deve considerar as diversas particularidades, produzindo saberes em consonância com a realidade na qual se inserem.

Retomar a leitura de Walter Dignolo desde perspectivas feministas e antirracistas, como as com que dialogamos neste ensaio, possibilita produzir leituras da realidade social que aliem experiências vividas com construções teóricas. Portanto, trata-se de não mais usarmos certos termos, nem mais atribuir categorias como objetos de estudos, senão sujeitos. É uma dialética entre sujeito-sujeito, e não sujeito-objeto. Decolonização, no sentido de não mais existir como “Outra”, mas como “Eu”, que escreve e narra sua própria trajetória.

Tendo em vista que essas autoras praticam a desobediência, tanto epistêmica quanto cultural, a partir do momento em que elas se colocam não apenas cientificamente, mas também afetivamente no processo de construção do conhecimento, elas rompem com a neutralidade hegemônica - patriarcal, racista, classista, colonizadora. Pensando na nossa realidade atual, com a ascensão da direita branca ultraconservadora e com o crescimento da desigualdade social intensificada pela crise pandêmica da COVID-19 que assola pobres, indígenas, homens e mulheres negras, nos debruçamos a pensar qual é o nosso engajamento na luta pela opressão sexista, racial e exploração de classe, aludindo o que bell hooks disse: “Cientes de que vivemos numa cultura da dominação, me pergunto agora, como me perguntava há mais de vinte anos, quais valores e hábitos de ser refletem meu/nosso compromisso com a liberdade” (2013, p. 41).

Fazendo alusão ao debate que Frantz Fanon propõe, em sua tese *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), a necessidade de colocar o próprio corpo como território e produtor de saberes e conhecimento, um corpo de embate e de luta. Um corpo que questiona, que não se sente satisfeito com suas cicatrizes silenciadas e abertas. Desde nós mesmas e de nossa comunidade, o ato da própria desobediência epistêmica-prática, rumo à uma decolonização cultural, política e libertária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é o racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Feminismos Plurais, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. São Paulo. Tese (doutorado em ciências sociais). FEUSP, 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2015.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta limón, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUAFBA, 2008.

FEDERICI, Silvia. **Calibán y la Bruja**: Mujeres, cuerpo y acumulación originaria. Madrid: Traficantes de Sueños, 2010.

FEDERICI, Silvia. **Revolución en Punto Cero**: Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas. Madrid: Traficantes de Sueños, 2013.

GALINDO, María. **No se puede descolonizar sin despatriarcalizar**: Teoría y propuesta de la despatriarcalización. La Paz: Mujeres Creando, 2013.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. p. 223-244. 1984.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020[2019].

MIGNOLO, Walter. **El lado más oscuro del Renacimiento**: alfabetización, territorialidad y colonización. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, p.107-130, 2005.

RUFINO, Joel. A Inserção do Negro e seus Dilemas. In: **Projeto Brasil 2020**, março 1999[1994].

RODRIGUEZ, Shay; ANZINI, Violet B. Transviades contra o sistema transfóbico: Você sabe o que é genitalismo?. Cuiabá: **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 12, p. 41-57, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

* Artigo recebido em 14 de agosto de 2021,
aprovado em 12 de novembro de 2021.